

# EXPERIÊNCIAS FANTASMAGÓRICAS POR ENTRE VÃOS

## Corpo, arte e arquitetura nas infiltrações em ruínas

*FANTASTIC EXPERIENCES BETWEEN SPANS  
Body, art and architecture in the infiltrations in ruins*

**Rafael Ferreira de Souza<sup>1</sup> e Ethel Pinheiro Santana<sup>2</sup>**

### Resumo

O presente artigo apresenta um estudo teórico-cultural sobre arquiteturas em ruínas. Tendo as ações de infiltração e atuação nas ruínas como locus do estudo, a pesquisa indica um impulso que transforma a arquitetura arruinada em um espaço *continuum* trans-histórico, por sua ruptura temporal, a partir da perda e superação das referências históricas. Deste modo, uma espécie de resignificação da materialidade e da imaterialidade da arquitetura, uma força de transmutação, ou um *status nascendis*, altera a concepção cronológica relacional que temos com o espaço arquitetônico e a justificativa por interpretá-las está na base da pesquisa fenomenológica e qualitativa em arquitetura. Dividido em três seções: (i) “Infiltrando ruínas: corpo e arte através da ação”, (ii) “A etnografia multisensorial no espaço arruinado” e (iii) “Ambiências fantasmagóricas na alegoria do movimento ou o papel do vão”, o trabalho procura, através desse contexto, compreender a forma difusa de atuação na ação em campo, a corporeidade do explorador de ruínas em direção a uma transgressão cognitiva dos valores arquitetônicos da obra, e a ativação das possibilidades de atuações artísticas na Atmosfera/Ambiência que envolve as arquiteturas em ruínas. Fazendo da experiência vivida da arquitetura a própria ligação entre arte e realidade, este entre-lugar efêmero e catalisador de ações experimentais urbanas permite repensar as ações táticas do corpo na cidade e também incentivar uma corpo-grafia desviante em cenários que, pela inércia, acabam sendo tomados como insolúveis: os espaços arruinados.

Palavras-chave: ruínas, arquitetura, corpo, arte.

### Abstract

*This paper presents a theoretical-cultural study on architecture in ruins. Having the actions of infiltration and action in the ruins as the locus of the study, the research indicates an impulse that transforms the ruined architecture into a trans-historical continuum space, due to its temporal rupture, from the loss and overcoming of historical references. In this way, a kind of resignification of the materiality and immateriality of architecture, a transmutation force, or a nascendis status, alters the relational chronological conception that we have with the architectural space and justifies*

<sup>1</sup> Comunicólogo (ECO/UFRJ), Mestre em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFF), Doutorando em Arquitetura pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ-FAU/UFRJ). Pesquisador do LASC-PROARQ-FAU/UFRJ (Laboratório de Arquitetura, Subjetividade e Cultura), atua em estudos e pesquisas sobre cultura e ambiências de arquiteturas em ruínas.

<sup>2</sup> Arquiteta e Urbanista (FAU/UFRJ), Doutora em Arquitetura (PROARQ-FAU/UFRJ). Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU/UFRJ). Atua na área de representação em arquitetura com ênfase em desenho de concepção/observação/etnográfico, com experiência nos seguintes temas: ambiências urbanas, memória, percepção do ambiente, cidade - complexidade e cultura urbana.

*their interpretation as the base of the phenomenological and qualitative research in architecture. Divided into three sections: (i) “Infiltrating ruins: body and art through action”, (ii) “Multisensory ethnography in the ruined space” and (iii) “Ghostly ambiences in the allegory of movement or the role of the gap”, the work seeks, through this context, to understand the diffuse form of action in the field, the corporeality of the explorer of ruins towards a cognitive transgression of the architectural values of the work, and the activation of the possibilities of artistic performances in the Atmosphere/Ambience that surrounds the architectures in ruins. Making the lived experience of architecture the very link between art and reality, this ephemeral in-between place and catalyst for urban experimental actions allows rethinking the tactical actions of the body in the city and also encourages a deviant body-graphy in scenarios that, due to inertia, end up being taken as insoluble: the ruined spaces.*

Keywords: Ruins, architecture, body, art.

Gernot Böhme (2019, p. 6-7), em texto oferecido especialmente para o Colóquio Internacional “Atmosfera, Stimmung, Aura”, realizado pela FAU USP em 2019, traz questões sobre a definição tradicional de arte, sua rigidez quanto à experiência, e se vivemos diante, senão dentro, de uma realidade estetizada atualmente. Para o autor, ao transcender as formas convencionais de arte, a noção de Atmosfera pode ser interpretada como algo difuso e indefinido, não com relação ao seu caráter, mas, quanto à ontologia. Assim, a relação entre sujeito e objeto, ou melhor, a atividade mediada por essa relação, somente essa pode permitir que o conceito de Atmosfera se instale no meio urbano.

Jean-Paul Thibaud (2018) reapresenta o conceito de Atmosfera a partir da noção de Ambiência, tratada desde a década de 1980 por esta terminologia pelo CRESSON<sup>3</sup>, como “um meio que interliga os mais diversos componentes de uma situação sob uma mesma tonalidade e, ao fazê-lo, conferindo a eles uma unidade” (Op. cit., 2018, p. 14). Tal afirmativa sobre o que é Ambiência evoca nos pesquisadores em arquitetura e urbanismo a necessidade de trabalhar uma leitura sensível do ambiente urbano, não apenas atentando às mudanças prementes da atualidade, mas, lançando um olhar crítico sobre os efeitos da “(...) natureza política e social da “distribuição do sensível” (partage du sensible) (Jacques Rancière)” (Op. cit., 2018, p.13).

Assim, a arquitetura, ou as ruínas de arquitetura, podem ser entendidas como médiums para o repertório do gestual arquitetônico e o repertório das experiências sentidas e espaciais do usuário. Perceber uma Atmosfera/Ambiência é sempre co-perceber nossa situação corporal afetiva, que funciona de forma situada, e estender essa relação inominável para uma reinterpretação do momento presente das cidades.

<sup>3</sup> O Centro de pesquisa em espaço sonoro e ambiente urbano (CRESSON) é a equipe do Laboratório AAU (*Ambiances, architectures, urbanités*) em Grenoble, na França. A equipe CRESSON trabalha em pesquisa arquitetônica e urbana e foi fundada em 1979 na Graduate School of Architecture de Grenoble. Originalmente focada no espaço sonoro, a equipa do CRESSON baseou a sua cultura de investigação numa abordagem sensível e situada do espaço habitado. Esta pesquisa baseia-se em métodos multidisciplinares originais na encruzilhada entre arquitetura, ciências sociais e engenharia. Através dos seus trabalhos fundamentais, a equipa CRESSON implementa experiências que questionam os processos de desenho urbano e arquitetônico a todas as escalas (mecanismo, arquitetura, espaço urbano, paisagem, território). Desde a década de 1990, mantendo seus trabalhos sobre a dimensão sonora, o escopo de suas investigações se ampliou para os múltiplos aspectos relativos às percepções in situ da experiência urbana. Discutem-se os fenômenos luminosos, sonoros, térmicos, olfativos, táteis e cinestésicos, bem como sua relação com as práticas cotidianas e profissionais, estabelecendo assim as bases da pesquisa sobre as ambiências arquitetônicas e urbanas. Em consonância com essas considerações, hoje, o trabalho de CRESSON questiona questões sociais, ecológicas, estéticas, numéricas, políticas e éticas sobre o tema das ambiências (Tradução livre). Fonte: <https://aau.archi.fr/cresson/> - Acesso: 14 mar. 2023.

Como Böhme coloca é “(...) pelos sentidos do corpo<sup>4</sup> que nos tornamos conscientes do tipo do ambiente em que estamos imersos” (2019, p. 6 - tradução livre). Corroborando desta maneira, premissas já indicadas por autores de outrora, que versavam sobre a relação estabelecida e intrincada entre corpo, arquitetura e suas afetividades emotivas: “Edmund Burke, seguido por Emmanuel Kant e os Românticos, descrevia os objetos arquitetônicos não tanto em termos de seus atributos fixos ou sua beleza, mas mais em relação à sua capacidade de transmitir emoções tais como o terror e o medo” (REIS; VASCONCELLOS, 2008, p.4).

Trazer a baila características afetivas como terror e medo, que são bastante distantes da ideia clássica de sublime, muito arraigada numa estética romantizada, é de fundamental importância para o presente trabalho. Nas infiltrações em ruínas, o lócus do espaço arquitetônico encontra-se encapsulado numa miríade de experiências sensoriais abjetas e amparado pela estética da desolação. Arquitraves disfuncionais, ferrugens corrosivas, janelas estilhaçadas, odores pútridos, águas contaminadas, fungos, ambientes soturnos, sem luz, podem ser nocivas ao cidadão em profusas esferas. Logo, essas características contidas na experiência do lugar arquitetônico em ruínas, indicaria uma condição *sine qua non* na composição de sua ambiência, onde além das qualidades do emaranhado de materiais despojados da arquitetura, a ruína também abarcaria peculiaridades de sua estética e suas pulsões, no mote de uma análise pouco contemplada em outro tipo de espaço urbano ou ambiente da cidade. A ruína contemporânea e seus resquícios materiais, aplacam sensações de perigo, terror e medo, como citadas acima e, nesse sentido, fazem jus aos conceitos elaborados por Gernot Böhme (2019, p. 9): “Os fatos ambientais, da iluminação aos sons, das cores às formas, (...) produzem uma certa disposição [Stimmung] no espaço, seja ele um ambiente natural ou construído. Um espaço com uma certa disposição que o carrega: isso é uma atmosfera”.

Enquanto método de pesquisa em arquitetura, a ação de campo de infiltração em ruínas estaria vinculada a uma perspectiva fenomenológica de análise. Atmosferas/ Ambiências são registradas através de fotos, vídeos e anotações distintas, em uma espécie de “caderno de campo holístico”, buscando através do próprio processo, constituir um arcabouço imagético de escritas experimentais sobre os sentidos e sensações de espaços da famigerada cidade oculta, que submerge nessa intenção de desvelar sua ontologia.

A prática contemporânea de infiltração em ruínas teve seu embrião em meados da década de 1990. De grande importância para esta ação de campo, os pensamentos de Chapman (2005), foram essenciais para a consolidação dos movimentos que surgiram ao redor do globo. Ativista, conhecido nas redes digitais pelo pseudônimo de *Ninjalicious*, exerceu papel fundamental na consolidação da prática da exploração urbana de espaços arruinados, sendo responsável por projetos como o site infiltration.org, onde versava sobre as características e a ética que atravessa essa ação de campo experimental de infiltração em ruínas.

Nesse estudo, portanto, nosso intuito é, a partir da experiência de exploração de espaços arquitetônicos em ruínas, buscar compreender a imanência que transita e transfigura a experiência vivida da arquitetura cujos resquícios materiais corroboram para superar extratos temporais. Nesse arcabouço, utilizamos elementos de pesquisa que inclui o corpo, as percepções multissensoriais, a estética de fruição e o entrelace

4 Cf. “Vivenciamos nosso ambiente através de sua sensação corpórea: ele é belo, agradável e até mesmo bom se nele nos sentimos bem. Sentimos onde estamos – isto é, em que tipo de ambiente. Daí surge a tese central: através da nossa sensação corpórea, tomamos consciência do tipo de ambiente no qual nos encontramos.” (BOHME, 2019, p.8).

entre todos esses movimentos como gestores de uma força criativa, que irrompe e catapulta o cidadão explorador para a instauração<sup>5</sup> de uma ação de campo nas ruínas.

Essa ação produtora de impulsos vai ao encontro da arte, expõe suas escritas através de pinturas murais, esculturas incidentais, performances acidentais ou deliberadas e, não obstante, o fazer arquitetura através do atravessamento de objetos e matérias em desordem pelo espaço arruinado. Captar essa inalação, esse fino traço subjetivo, que desenha e estrutura nossa experiência vivida da arquitetura, é o intuito dessa escrita, que emerge das deambulações e infiltrações dos autores em ruínas contemporâneas. De método fenomenológico, esse artigo reproduz parte das ingerências desta experiência fantasmagórica, assim chamada por ser revelada no vazio, na ilusão e no vão - esse espaço “entre” que surge nas brechas - e revela seus potenciais comunicativos existenciais, como ênfase do âmago subjetivo que perpassa nosso laço com a arquitetura que, em ruína, pode transcrever um elixir e encapsular uma abordagem teórico-cultural de aproximação da arquitetura.

### Infiltrando ruínas: corpo e arte através da ação

Nas últimas décadas a pesquisa em arquitetura vem passando por modificações no modo, nos métodos e nas leituras que podemos fazer de espaços arquitetônicos. Como apontado por Groat e Wang (2002), a pesquisa qualitativa contornou os olhares incrédulos e se afirmou como uma exponencial ferramenta de análise da arquitetura, principalmente nas vertentes fenomenológicas e subjetivas<sup>6</sup>, que através da amálgama com certames filosóficos, catapultou a concepção idealizada do percurso histórico e converteu a incredulidade em vetores de expansão da experiência estética, como balizar da experiência vivida da arquitetura.

A concepção fenomenológica<sup>7</sup> de pesquisa em arquitetura, que através da percepção multissensorial busca um entrelace entre espaço físico e espaço cognitivo, trouxe consigo uma abordagem trans-histórica, que relativiza os ditames seculares em prol de uma análise contemporânea que se beneficia das ações do corpo como produtor de catarses performáticas e propulsões expressivas, como as artes visuais, na decifração dos sentidos contidos nos espaços arquitetônicos:

Se, por um lado, a arquitetura “in-corpora” o corpo em seu processo, ao fazê-lo, abre ao mesmo tempo, um caminho para que o corpo “revista-se” do espaço. Ou seja, poderíamos aqui afirmar que a arquitetura só se manifesta a partir do momento em que o corpo faz do espaço sua membrana, sua pele, uma superfície de contato para

5 No artigo, o termo instauração é baseado nos escritos de Ramme (2007) sobre as atividades registradas pelo artista plástico luso-brasileiro Artur Barrio na década de 1970 e ancorada pela filosofia da arte de Nelson Goodman.

6 Cf. “(...) a subjetividade constitui-se em ação e na relação (corpo-mente-ambiente) e não está localizada dentro de um sujeito como algo essencial. Deste ponto de vista, o corpo não é um veículo ou instrumento de um sujeito e o espaço não é algo que pertence a esfera do “fora”, porque se constitui como espacialidade na relação entre, como um fluxo. Isto não significa que não exista uma diferença entre os ambientes. O dentro do corpo tem suas especificidades relativas às características do organismo e o fora também, de acordo com condições climáticas, dimensões, modos de ocupação. No entanto, há sempre um fluxo entre dentro e fora. Corpos e espaços se constituem mutuamente em uma relação co-evolutiva.” (EICHEMBERG; GREINER, Online, 2020).

7 Cf. “A fenomenologia de vertente europeia, sobretudo alemã e francesa, instaura no decorrer do século 20 outros modos de analisar o corpo. Embora cada autor proponha especificidades – há diferenças significativas por exemplo entre Heidegger e Merleau-Ponty – vigora o interesse comum em focar nos processos perceptivos, valorizando a subjetividade. Ou seja, o corpo deixa de ser apenas um parâmetro da escala humana.” (Op. cit., 2020).

sua presença no mundo (EICHEMBERG; GREINER, 2020, Online).

No contexto de nosso artigo, as arquiteturas em ruínas são o lócus de análise, num percurso que se imbrica pelo delinear deambulatorio que o corpo exerce nesse atravessamento material e imaterial, que a infiltração em ruínas pode proporcionar. Essa ação de campo contemporânea de infiltração em ruínas catapultou o cidadão para um análise destacada das questões patrimoniais que sempre englobou o olhar para a arquitetura histórica, e desvelou uma cidade escamoteada por entre as imagens estéreis que se consome dentre as mais distintas cidades.

Ao adentrar os espaços arruinados contemporâneos, cidadãos utilizam de seus corpos para tecer uma perspectiva multissensorial e através de registros de imagens e expressões artísticas, coadunam uma espécie de *status nascendis* de um novo lugar. Esse elixir encapsulado que irrompe (e para surgir) da experiência vivida das arquiteturas em ruínas, transforma a elucidação da arquitetura em um exponencial ato comunicativo, que em si, instaura um ambiente fantasmagórico, que se descama em tonalidades<sup>8</sup> excruciantes pelo seu impacto estético.

Como mencionado acima, a ideia de ambiente fantasmagórico está presente na relação de um corpo que não se associa imediatamente ao espaço vivido, pela falta de relações antropométricas - como muitas ruínas promovem, mas, pela adaptação ao sublime, à quimera, ao espaço vão que ocorre pelas perdas materiais e também simbólicas do espaço. Esse ambiente fantástico, fantasmagórico, ilusionista, mas concreto e designante de toda grande cidade, carrega a dimensão da pulsão estética, pois é pela experiência vivida que os atos do corpo conformam suas representações. Reforçando pensamentos previamente elaborados da relação entre corpo e arquitetura, como a conhecida frase de Sartre (1956): “Meu corpo está em todo lugar: a bomba que destrói a minha casa também estrofia meu corpo, sendo já a casa uma indicação do meu corpo”.

O corpo do cidadão explorador de ruínas está verificando uma nova análise da arquitetura e, portanto, produzindo ambiências em sua forma de habitar o lugar arquitetônico, como apontou Thibaud (2012, p.34): “(...) as práticas habitantes são constitutivas de uma ambiência. Elas fazem parte de sua dinâmica interna, revelando o potencial sensível dos lugares. Escalando as paredes, passando por janelas e se contorcendo por entre ferros e alvenarias empilhadas, a ação de campo exaltada libera o cidadão das normativas comuns dos espaços das cidades, provendo um movimento mental transfigurante. Essa transfiguração possibilita a instauração de um elán imagético<sup>9</sup> que Murad (2006) indicou, gerando pensamentos através das imagens, onde o escapismo altera a relação psicogeográfica que desenvolvemos com o lugar e, nos moldes da psicogeografia dos situacionistas do final da década de 1960, abre perspectivas plurivocais de uso, de imaginação e de mutação dos sentidos e significados do espaço. A mutação vem também atrelada ao escapismo que altera o *modus operandi* do corpo no espaço da cidade e de maneira lúdica, impulsiona a expressão criativa, como os desenhos artísticos impressos na materialidade da arquitetura em ruína, as esculturas feitas por ordem e desordem de despojos arquiteturais e ainda, as concepções do próprio corpo que se dobra para atingir ápices e posições fulcrais na remediação de

8 No artigo, o termo tonalidades será usado de acordo com as premissas conceituais do autor Jean-Paul Thibaud (2018).

9 Cf.: “Mas não devemos esquecer que, nesta perspectiva da imaginação, devaneio e imagem poéticas são realidades co-naturais de um mesmo imprevisível e espontâneo imaginal, interdependentes e imbricadas entre si, oriundas que são desta dimensão transpessoal e imemorial da ontologia humana. O que significa que podem se apresentar em nosso espírito em ambivalentes permeabilidades, como modulação de apreensão ou de aparição.” (MURAD, 2006, p.230).



Figura 1 - Arte mural e ilustrações na experiência urbana das ruínas. Fonte: Rafael Souza (2023).

uma análise multidimensional, ancorada no baile dos corpos e nos olhos da pele, no sentido concedido por Pallasmaa (2011), do cidadão explorador de ruínas.

As expressões artísticas promovem na arquitetura seu prognóstico atemporal, refletindo no seu rearranjo enquanto empenas reprojatadas, novas formas do viver momentaneamente; ressignificando a história propagandeada ou até mesmo sua teleologia, nos cruzamentos de fronteiras disciplinadoras da compreensão do que é a arquitetura.

Na próxima seção de nosso estudo, vamos orientar as reflexões para a escrita corporal enquanto conceito teórico e de método investigativo das poéticas do espaço arruinado, enquanto lugar de entendimentos fenomenológicos e do devir da imagem mental apontada por Jeudy (2005) no desenho que na apreensão que fazemos da cidade.

### A etnografia multissensorial no espaço arruinado

Pensar as ações de campo de infiltração em ruínas através do movimento do corpo nos possibilita uma análise multifocal do espaço arquitetônico. Distinto dos métodos historiográficos, o método fenomenológico da percepção multissensorial, conduz um olhar não linear enquanto produtor de sentido, conteúdo e formas. Destarte, o campo teórico da arquitetura pode, ao se aproximar da fenomenologia, abarcar questões filosóficas e existenciais que sempre estiveram presentes na ontologia humana, principalmente na experiência vivida da arquitetura. Nesse contexto, a seara da geografia humanista trouxe um arcabouço teórico de suma importância para a compreensão do lugar fenomenológico, ou da própria vulgaridade impressa nos espaços da cidade.

Autores como Edensor (2005a, 2005b, 2007, 2012) e DeSilvey (2012), ambos provindos da escola da geografia humanista britânica, vêm publicando trabalhos sobre a experiência de infiltração em antigas indústrias na Inglaterra, onde a expressão corporal e suas tangentes ganham notoriedade de análise. Dentro desses estudos um conceito se sobressai e parece encapsular de modo coeso toda a abordagem fenomenológica de leitura e compreensão da arquitetura em ruína. O termo etnografia multissensorial, inserido no contexto dos espaços arruinados de indústrias abandonadas na Inglaterra, versa sobre a experiência do explorador. Perpassa cada ação desempenhada, empenhada ou desnudada no contato com a arquitetura em ruína e por entre os próprios



cidadinos. São uma espécie de “caderno de campo holístico” multidimensional que registra ambiências e caracteriza a experiência vivida pela arquitetura. Nesse sentido, Thibaud (2012, p.33) indica: “É importante compreender que o domínio sensível não é um domínio isolado, autônomo, independente das práticas sociais. Pelo contrário, qualquer ambientação pressupõe performances habitantes que atualizam os recursos do meio ambiente construído”.

A experiência lúdica nas ruínas contemporâneas incitou cidadãos a ações conjuntas, no intuito de dirimir problemas intrínsecos de espaços com nuances peculiares, onde o perigo instaura uma nova forma de exploração da própria arquitetura. Como apontou Lisboa (2009, Online): “Os edifícios, como nossos corpos, respiram. Seus invólucros são como peles, têm cor, textura, possuem cheiros e vazios, refletem luz, absorvem calor e transpiram”. Pelos vãos das ruínas ruídos, odores expectantes, desníveis contumazes, embates corporais são parte das ações desviantes de deambulações por espaços proibidos que atraem cidadãos interessados nessa exploração urbana de limites e estiramentos da cidade esquecida.

Assim como as tonalidades ou a expressão “dar o tom” apontadas por Thibaud (2012, p.36): “(...) dar o tom pressupõe simultaneamente uma arte de desfocalização, uma arte de acompanhamento e uma arte de impregnação.”, a etnografia multissensorial transcreve as induções experimentais, gerando uma escrita urbana distinta da de costume, pois essa, instaura possibilidades do devir enquanto manifestação. Sendo assim, a expressão artística contida nas pinturas murais de ruínas, as esculturas acidentais e a própria ação performativa da deambulação poderiam transcrever o encontro com o objeto de pesquisa, ou ainda, revelar a pesquisa através da instauração contida no elixir da existência da arte entre arquiteturas. E neste sentido os apontamentos de Ramme (2007) nos servem de norte: “(...) podemos pensar que a instauração é da ordem não apenas do espaço, mas também do tempo; ela é um acontecimento. Entendida como a instauração de uma nova realidade, ela é, sobretudo, ação. (p.94)” ou ainda: “Podemos dizer que a obra é instaurada num mundo e simultaneamente sua presença instaura outro mundo a partir da modificação do já existente (p.96)”.



### Ambiências fantasmagóricas na alegoria do movimento ou o papel do vão

Todo nosso estudo até aqui buscou apontar a importância do corpo em movimento como base para a análise do espaço arquitetônico em ruína. Esse esforço se baseia nas experiências deambulatórias por ruínas contemporâneas e a indução de transfigurações artísticas indutoras de um elixir definidor de um novo espaço, um entre-lugar. Essas escritas experimentais urbanas estariam vinculadas aos aspectos contidos nas ambiências da arquitetura em ruína, suas tonalidades, desveladas pela percepção multissensorial contida nesta ação de campo.

Na ação de campo realizada em uma casa em ruínas na cidade de Petrópolis/RJ, artes visuais foram detectadas em sua materialidade, colocando sua arquitetura numa perspectiva de novas narrativas de seus signos e significados. No caderno de registros realizado, o relato<sup>10</sup> da ação de campo indica ambiências e tonalidades contidas na infiltração de ruínas.

O vulto fantasmagórico contido nas ruínas é um elemento essencial para compreensão de sua ambiência. Traçadas por cicatrizes temporais, a imaginação em um ambiente

<sup>10</sup> Anotações dos autores realizadas no “caderno de campo holístico”, ferramenta do método qualitativo de investigação adotado: “Da região central de Petrópolis existe uma estrada que liga o centro ao bairro cascatinha, no segundo distrito da cidade. De percurso tortuoso, cheio de curvas, desníveis e com péssimas calçadas (quando existem!) para caminhar, essa estrada possui alguns casarões interessantes. Apesar de conter uma atmosfera tranquila de um bairro residencial, tudo se transforma quando ao virar uma curva acentuada se avista um descalabro em forma de arquitetura. Com um volume considerável, uma ruína de três pavimentos toma conta da encosta de um morro – nada atípico para uma cidade com a geografia de Petrópolis. A primeira imagem que se tem é fascinante, tons de amarelo se misturam com uma vegetação densa, que cobre parte da fachada principal e o último andar parece um quebra-cabeça de elementos arquitetônicos. Contudo, mesmo sendo possível se aproximar do casarão a ambiência do local é aterrorizante. Muitos comentaram que algumas pessoas já foram encontradas mortas em alguns de seus cômodos e apesar de ter relutado para adentrar o casarão, acabei tomando coragem e entrando. Pelas escadas de acesso principais cheguei até o salão de entrada, quando para minha surpresa, percebi que haviam arrancado às escadas de acesso para o segundo e terceiro pavimentos. Dentro da ruína, os sentidos ficaram aguçados e qualquer barulho no ambiente me colocava na possibilidade de confronto com alguém ou até mesmo com alguma autoridade. Mas na atividade de infiltração em ruínas isso é uma constante e não uma exceção. Por fim, resolvi tentar acessar o segundo e terceiro pavimento por entradas laterais, onde encontrei uma quantidade enorme de lixo e entulho que impediram a continuidade da exploração da ruína.”



arruinado ganha, assim, impulsos refratários como nos relatos da escritora britânica Macaulay (1966). Concepções de histórias pregressas pululam em nosso imaginário, e segundo Bohme (2017, p.15): “A qualidade particular de uma história, seja lida ou ouvida, reside no fato de que ela não só nos comunica que uma certa atmosfera existiu em outro lugar, mas ela também evoca esta própria atmosfera em si”, assim como caminhos imaginativos distorcidos por alusões a cidades outras, que chegam à superfície pelo exercício do corpo atravessando odores, ruídos e zonas de perigos físicas e cognitivas, impossíveis de se configurar em outros tipos de espaços da cidade. A ruína contemporânea enquanto alegoria estaria se distanciando da concepção patrimonialista apresentada por autores clássicos como Choay (2006), agora o desmantelamento da cidade pós-industrial trouxe um arcabouço multifacetado, composto de arquiteturas e urbanidades cada vez mais complexas.

A imagem das ruínas de Palmira na Síria no século XVIII, por exemplo, nos remete aos mapas militares desenhados e apresentados de forma pouco apurada, por perspectivas paralelas ou com única fuga, com breve delimitação dos danos e sinalização da forma original, nas condições *sine qua non* da estética das ruínas. Linhas retas e excesso de geometria de certa maneira comprometem, não somente o entendimento de uma arquitetura de ruína, bem como toda a sua relação com a paisagem urbana e, não obstante, as texturas de seus materiais desgastados pela ação do tempo, como se a percepção humana devesse apenas consolidar a volumetria ou a geometria de tais construções afetadas pela falta de preservação.

O fato é que o tecido das cidades, pequenas ou grandes, convive hoje com a complexidade de ingerência de edifícios arruinados ou em processo de arruinamento, que “falam” não apenas de seu estado atual, mas de sua potência aderente aos demais edifícios, pois não são todos historicamente entretidos, nem sempre socialmente compreendidos. E neste exemplo da representação de ruínas de Palmira ainda é percebido certa idealização clássica, tanto nos volumes quanto nas alegorias, característica diferente das representações contemporâneas que traçam paralelos a ideia de finitude, da morte e de outras vicissitudes da fragmentada, complexa e incompleta conformação arquitetural da cidade do século XXI. Apesar de comparativos de outrora já apontarem para a relação indicada acima: “Não era nova a imagem das ruínas como um “corpo morto”. Que se recorde a *Ruinarum descriptio urbis Romae* (1452), de Poggio Bracciolini, na qual os monumentos decrepitos são comparados ao esqueleto despojado de suas carnes” (D’AGOSTINHO, 2003, p.117).



Já, no século XXI, a imagem de uma indústria abandonada, em ruínas, causa uma concussão densa e arrebatadora ao cidadão às ilusões de mundos ficcionais, como as contidas no filme *Blade Runner* (1982) de Ridley Scott. O contexto da cidade contemporânea, não só foi o catalisador para uma nova maneira de se pensar a relação da arquitetura e do corpo<sup>11</sup>, mas também foi o cenário ideal para a formação de novas teorias desenvolvidas por autores que buscavam lidar com os modos plurais e fragmentados de se compreender a vida contemporânea, como aponta Reis e Vasconcellos (2008, p.1): “Ancorados em pensadores como Nietzsche, Sartre, Bachelard, Ponty, Derrida e Barthes, os territórios contemporâneos possibilitaram novas experimentações aos corpos, induzindo-os a fragmentações e reconfigurando suas percepções”. Nesse contexto, as sintaxes românticas que abarcavam as narrativas e apreensões da cidade, deram lugar às descrições mais fúnebres e arrebatadoras que procuram descrever a relação do usuário com a arquitetura da cidade. Trazendo textos da empresa austríaca Coop Himmelblau, conhecida por sua abordagem contemporânea de projetos de mente aberta e espaços indefinidos de arquitetura radical os autores Reis e Vasconcellos dizem:

Clamando por uma “arquitetura da desolação”, com seus próprios e “fascinantes marcos,” os Himmelbläuers recusam todas as visões de uma cidade confortável onde se possa estar são e salvo, enquanto abraçam completamente a “solidão das praças, a desolação das ruas e a devastação dos edifícios (Op. cit., 2008, p.8-9).

Por isso, a importância de se pensar os contextos contemporâneos e em seus aparatos de representação visual das ruínas, em como suas imagens ganham contornos específicos a depender de sua plataforma e técnica de reprodução. A fotografia e posteriormente todo o aparato audiovisual que se desenvolveram como elementos de mídias nos tempos atuais, conforme aponta Santaella (2003), foram fundamentais para o salto epistemológico que ganhou as arquiteturas em ruínas na virada do século XX

11 Cf. “(...) esse “corpo” não serve mais para centralizar, para fixar, nem mesmo para estabilizar. Ao contrário, seus limites, interiores ou exteriores, parecem infinitamente ambíguos e extensivos; suas formas, literais ou metafóricas, não estão mais confinadas àquilo que é reconhecidamente humano, envolvendo toda a existência biológica, do embrião ao monstruoso; seu poder não está mais no poder de unidade e sim na indicação do fragmentário, do despedaçado, do fugidio e da incompletude.” (REIS; VASCONCELLOS, 2008, p.2-3).

para o século XXI.

Fotos, filmes e imagens varrem as redes interconectando estéticas fantasmagóricas de ruínas das mais variadas, causando impacto significativo na leitura que fazemos das arquiteturas em destroços, principalmente nos aspectos imateriais que pouco imprimiram ritmo na alegoria representada na cultura patrimonialista do séculos XIX e XX. A ambiência captada pelas imagens sufocantes do filme *Stalker* (1979) de Andrei Tarkovski indica que as rugosidades materiais e estéticas das arquiteturas em ruínas poderia se enrijecer através do seu método comunicativo-imagético lastreado em espaços opacos, como vultos fúnebres que aguçam a imaginação e a propalação de arrefecimento indissolúvel.

A ruína contemporânea parece, portanto, estar vinculada a uma análise de estudo que condiciona seus entendimentos à sua experiência e ao seu enlace espaço-temporal angariado por perspectivas plurais, qualitativas, estéticas e fenomenológicas. Esse intuito pretende lançar o pesquisador para uma imersão nos espaços ocultos da cidade, evitando uma abordagem de juízo de valor, a pesquisa intenta uma aproximação e uma submersão nos ambientes em ruínas que atravessam a complexa trama urbana. Em direção ao que Thibaud (2012, p.35) chamou de impregnação: “Para dizer de forma sucinta, ambientar um território consiste em produzir a impregnação.” ou ainda: “(...) a impregnação não tem nada de peremptório, de massivo ou de definitivo. É algo que envolve mais uma relação com o tempo e com o espaço feito de nuances, de lentidão e de constância.” Nesse contexto, os vultos fantasmagóricos, ou a experiência desses vãos, parecem ser diluídos em diferentes sintaxes pois, no espaço arquitetônico em ruínas os signos imanentes são o próprio constructo do ambiente e de cada instância de suas tonalidades, onde a instauração, no sentido dado por Ramme (2007), se apresenta candente às expositivas artísticas que se maculam neste espaço.

### Considerações finais

A importância das pesquisas qualitativas em arquitetura e urbanismo vêm, de certa maneira, remoldando as análises que fazemos de temáticas de nossa seara. As ruínas arquitetônicas, que frequentemente são abordadas com um viés teórico-histórico, vêm atravessando um período de novas interpretações de seus significados e suas potencialidades. Parte dessa mudança se dá pelo caráter complexo da cidade contemporânea pós-industrial, espraiada e fragmentada e, do conseqüente distanciamento que a idealização das ruínas de caráter nostálgico dos séculos passados suscitou.

A imagem das ruínas se converteu atualmente em um novo paradigma, não somente pelas novas plataformas de representação, com as mídias digitais, *pari passu* ao desenvolvimento das lentes ópticas de fotografia, mas também pelas escalas e novas estéticas de desolação alcançadas, por exemplo, pelas indústrias em ruínas. Se Bohme (2017), versava sobre a importância de uma ontologia de uma nova estética<sup>12</sup>, muito se deu por compreender o paradoxo da vida nas cidades do século XX e XXI

12 Cf. “A nova estética é uma resposta à progressiva estetização da realidade. Uma estética que seja uma teoria da arte ou da obra de arte, se mostra completamente inadequada para essa tarefa. Além disso, uma vez que se confina às elites educadas e à uma esfera separada da ação, ela esconde o fato de que a estética representa um poder social real. Há necessidades estéticas e uma capacidade estética de suprir essas necessidades. Existe, é claro, prazer estético, mas também há manipulação estética. À estética da obra de arte, nós podemos agora acrescentar, com direitos iguais, a estética da vida cotidiana, a estética das mercadorias e a estética política. A estética geral tem a tarefa de tornar essa ampla gama da realidade estética transparente e articulável.” (BOHME, 2017, p.16).

e o distanciamento temporal de uma ideia clássica de estética. O entendimento da fragmentação e dissolução física e cognitiva perpetrada por difusas redes tecnológicas e a impactante reformulação do *modus vivendis* da vida contemporânea, trouxe consigo a necessidade de uma distinta postura ontológica humana.

Nesse contexto, autores como Thibaud (2012, 2018) vêm consistentemente aprimorando os conceitos, aplicações e métodos de pesquisa sobre Atmosfera/ Ambiência, entendendo a importância da estética de fruição e da complexa trama de interligações entre corpo, subjetividades, materialidade e imaterialidades, que compreendem a experiência vivida da arquitetura e, logo, da cidade: “Uma ambiência consiste sobretudo em religar estes vários elementos entre si, em mantê-los unidos para torná-los um conjunto, em integrá-los, conferindo uma mesma tonalidade a tudo o que aparece.” (Op. cit., 2012, p.33). Destarte, a ação de campo de infiltração em ruínas vêm se mostrando um proeminente catalisador de perspectivas plurais na abordagem e compreensão do espaço arquitetônico. Esforço esse lastreado em premissas fenomenológicas, tanto no viés metodológico, bem como na valorização da percepção como produtora de sentido, como Bohme (2017, p.16) observou: “O conceito de percepção é liberado da sua redução ao processamento da informação, ao fornecimento de dados ou ao (re)conhecimento de uma situação. A percepção inclui o impacto afetivo do observado, a “realidade das imagens”, a corporeidade”.

### Referências

BOHME, Gernot. *On the Concept of Atmospheres*. In: BARTALINI, Vladimir; CABRAL, Artur Simões; HENRICH, Dirk (org.). *Atmosfera, Stimmung, Aura: nos interstícios da filosofia, paisagem e política*. Atas das Comunicações proferidas no Colóquio Internacional. São Paulo: FAU USP, 2019.

BOHME, Gernot. *A atmosfera como o conceito fundamental da nova estética* (2017). Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2017/09/14/a-atmosfera-como-o-conceito-fundamental-da-nova-estetica-por-gernot-bohme/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

CHAPMAN, Jeff. *Access All Areas: a user's guide to the art of urban exploring*. Toronto: Coach House Press, 2005.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora Estação Liberdade - UNESP, 2006.

D'AGOSTINO, M. H. S. A arquitetura, o corpo e o espelho sobre a beleza e o tempo na arte do Renascimento e em nossos dias. In: *Tempo Social*, [S. l.], v. 15, n. 1, p.113-137, 2003.

DESILVEY, Caitlin; EDENSOR, Tim. Reckoning with ruins. In: *Progress in Human Geography*. Londres: SAGE Publications, 2012.

EDENSOR, Tim. Waste matter - the debris of industrial ruins and the disordering of the material world. In: *Journal of Material Culture* Vol. 10(3). Londres: SAGE Publications, 2005a, p.311-332.

EDENSOR, Tim. The ghosts of industrial ruins: ordering and disordering memory in excessive space. In: *Environment and Planning D: Society and Space*, volume 23. UK: Pion publication, 2005b, p.829-849.

EDENSOR, Tim. Sensing Ruins. In: *Senses & Society*, volume 2, issue 2. UK: Berg Publisher, 2007, p.217-232.

EICHEMBERG, Maria júlia barbieri; GREINER, Christine. *A arquitetura-corpo de Sou Fujimoto*. (2020). Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.243/7833>. Acesso em: 07 mar. 2023.

GROAT, Linda; WANG, David. *Architectural research methods*. New York: John Wiley & Sons, Inc., 2002.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2005.

LISBOA, Paulo. *O corpo da arquitetura*. 2009. Disponível em: <https://www.aecweb.com.br/revista/materias/artigo-o-corpo-da-arquitetura/1131>. Acesso em: 07 mar. 2023.

MACAULAY, Rose. *Pleasure of ruins*. New York: Walker and Company, 1966 [1953].

MURAD, Carlos Alberto. A criação no pensamento das imagens. In: *Sobre urbanismo*. Denise Barcellos Pinheiro Machado (org). Rio de Janeiro: Viana & Mosley Ed. PROURB, 2006.

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Tradução técnica: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

RAMME, Noéli. Instauração: um conceito na filosofia de Goodman. In: *Revista Arte & Ensaios*, v.15, n.15, 2007, p.92-97.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org. Ed. 34, 2005.

REIS, Elisabete Rodrigues dos ; VASCONCELLOS, Eduardo Mendes de. Arquitetura Desmembrada, Corpo Desmembrado: Corpografias Urbanas. In: *Encontro CORPOCIDADE - Debates em Estética Urbana 1*, 2008, Salvador. Anais do Encontro CORPORACIDADE: Debates em Estética Urbana 1 (Sessão Temática 3: Corpografias Urbanas). Salvador: PPGDança, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SARTRE, Jean Paul. *Being and Nothingness*. New York: Philosophical Library, 1956, pp.323-325.

TARKOVSKI, Andrei. *Stalker*. URSS, Leopardo Filmes. 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TGRDYpCmMcM>. Acesso em: 05 mar. 2023.

THIBAUD, Jean-Paul. O devir ambiente do mundo urbano. In: *REDOBRA*, número 9, ano 3. Salvador: Ed CORPOCIDADE, 2012, pp. 30-36.

THIBAUD, Jean-Paul. A Cidade através dos Sentidos. In: *CADERNOS PROARQ*. Vol.1, n. 18. Rio de Janeiro: Ed PROARQ, 2018, pp. 3-16.